

Manifesto de guerra

Há uma violência do corpo que é social, é infligida ao mediano trabalhador assalariado. De França surgem as grandes contestações, saem à rua, incendeiam os ânimos e destroem tudo por onde passam. Estes corpos violentados são os protagonistas das autobiografias ficcionais de Édouard Louis, numa rebelião sem pudores, remorsos, nem recuo na agressividade. O outro extremo talvez seja a apatia. As convulsões destes tormentos também já chegaram à dança. Esta semana estão em cena no espetáculo desconcertante de Maguy Marin, “Ligne de Crête”. Maguy Marin faz parte da ‘velha’ guarda da dança contemporânea francesa. Já anda por cá desde o século passado, passou também pelos emblemáticos Encontros Acarte (Gulbenkian), dividindo opiniões, numa missão imparável



Imagem do espetáculo “Ligne de Crête” da coreógrafa francesa Maguy Marin

contra a apatia das consciências. Maguy Marin trouxe Beckett para cena, na poesia do humano reduzido ao essencial, nessa espera eterna que atrasa o movimento e o olhar — caso da premiada peça “May B” (de 1993). Agora, Maguy Marin reafirma essa sua ligação profunda a um engajamento político que não perde de vista a

poética dos corpos contemporâneos violentados. “Ligne de Crête” estreou na Bienal de Dança de Lyon, no ano passado, e tem dado muito que falar, reincidindo na militância inconformada contra a sociedade capitalista. O som repetitivo e amplificado, a lembrar o funcionamento de um equipamento industrial, faz parte

do ambiente sonoro, e impõe-se enquanto seis intérpretes se ocupam no seu quotidiano de acumulação de hábitos, gestos e objetos, até esgotarem todo o espaço envolvente e ficarem paralisados no movimento. “Onde está o desejo das pessoas?”, interroga-se a coreógrafa com esta peça, pergunta do economista e filósofo Frédéric Lordon, quando as pessoas são novamente reduzidas a máquinas. A questão é antiga, mas surge reformulada. Talvez em parte a própria biografia da coreógrafa esclareça um pouco sobre esta inclinação para as abordagens políticas na arte: cresceu em França, depois de os pais terem fugido da guerra de Espanha. Foi num contexto profundamente marcado pela guerra que Maguy Marin descobriu o desejo de dançar...

/ CLAUDIA GALHÓS

LIGNE DE CRÊTE
de Maguy Marin

Teatro Joaquim Benite, Almada, hoje